

Prólogo

Capa de chuva rosa. Vestido decotado de musselina preta descosturado no ombro. Unhas curtas, mas pintadas. Cabelo comprido, apliques, cabelo curto. Cabelo escuro. Pintado de vermelho, de loiro. Peruca fúcsia. Uma inteligência apenas comparável à sua capacidade de sedução. Uma resistência ante o abuso apenas comparável à sua capacidade de organizar orgias. Uma bolsa-poodle, entre seus cachinhos se abre um zíper pelo qual sai um porta-moedas de bolinhas e o último folheto das jornadas transbixaputasapató. Purpurina azul sobre as pálpebras. Anéis com diamantes de plástico. Recuperação. Acumulação. Resignificação. Um programa para devir-cachorra.

Itziar Ziga conhece a cidade como quem sempre viveu fora. Anda pelas ruas como se pertencessem a ela. Sapatos de princesinha, mas com as solas desgastadas. Dá pra perceber que já fez todos os trajetos, tanto de noite quanto de dia, tanto alerta quanto doidona, com os olhos cheios de lágrimas ou de raiva, em grupo, casal, trisal, sozinha, mas sempre parte da matilha. Mulher da rua, garota de bar, rata de livrarias e corredora de manifestações. Itziar Ziga é uma mistura político-cultural: o campo e a cidade, sua mãe e suas colegas, Euskalerrria e Catalunya, o melô e o feminismo iraquiano, Judith Butler e Manuela Trasobares, a teoria queer e as oficinas de *pantojismo*,¹ a cultura trans e as avós putas, Alaska e Benedetti, santa Ágata e a Dulce Neus.

Itziar Ziga é uma *drag-bitch*, uma cachorra travesti, uma biomulher capaz de produzir uma versão putona da feminilidade, não mais como artifício teatral (esse teatrinho custa bem caro para outras!), mas como estratégia de luta guerrilheira. Mas não se nasce cachorra, torna-se. Trata-se de uma feminilidade reciclada onde não sobra nada, nem bio nem cru, onde tudo já foi cozido, pra não dizer vomitado, uma feminilidade feita com os detritos de gênero que ficam na lixeira da heterossexualidade normativa ou com os invendáveis do *merchandising* do 1,99 do quiosquinho do patriarcado.

1 Práticas performativas de feminilidade dramática, inspiradas na cantora Isabel Pantoja.

As pessoas que sempre afirmaram que não havia nem políticas nem estéticas *camp* que viessem da cultura feminista ou lésbica (exceto da subversão de gênero que as machorras e as *drag kings* propõem) deverão recolher suas etiquetas obsoletas e criar um novo conceito se quiserem entender o desafio proposto por *Devir Cachorra*.

Do lixo do hétero-capital, Itziar Ziga recupera o boá de plumas radioativas, o vestido rasgado de flamenca que lembra aquele que um dia Ocaña usou pra caminhar pelas Ramblas, o salto alto, porém grosso, de puta corredora de ruas, o pó compacto de luxo e as garrafas de Xibeca. Itziar Ziga inventa um modo através do qual as ratazanas da quebrada de gostos perversos, essas que foram historicamente excluídas dos circuitos de poder (ao qual só a heterossexualidade branca de classe média tem acesso), intervém nos processos de produção de significado, introduzindo seus próprios códigos. O glamour xexelento das cachorras sem emprego e sem perspectivas de tê-lo se revela contra as novas formas de submissão social que derivam do imperativo do mercado. Itziar Ziga e suas colegas cachorras afirmam que existe vida inteligente para além do hétero-planeta das dietas milagrosas e do detergente que deixa o *tupperware* impecável, mas também para além da mulher libertada e da igualdade de gênero, para além do gay realocado como gerente e da lésbica discreta e trabalhadora. As cachorras riem dos códigos dos ricos (agora novos pobres?), das suas bolsas Prada meio vazias e de suas caras de susto diante da crise. As cachorras se viram na crise, porque a crise é o único modo de vida que conhecem.

O que singulariza a escrita de Itziar Ziga, ao mesmo tempo coletiva e radicalmente pessoal, não tem a ver com ter nascido mulher ou homem, mas sim com o fato de ela vir dos âmbitos nos quais tradicionalmente não se escreve. Escrita-cachorra: língua precisa formada pela prática do jornalismo, ao mesmo tempo língua política, mas também língua lasciva. Este livro se revela diante da tradição que faz com que o poder da publicação escrita continue nas mãos de uma classe privilegiada, uma comunidade fechada que está autorizada a se expressar. Mas também diante do processo de produção de hegemonias através da exclusão discursiva que foi operada dentro do próprio movimento feminista. A escrita de Itziar

Ziga surge da periferia da grande cidade, dos conjuntos habitacionais de Rentería,² da periferia da linguagem universitária, mas também da periferia do feminismo.

Das periferias vêm as matilhas. Quando a feminilidade se constrói em matilha, se transforma numa feminilidade subversiva. Uma cachorra sozinha é uma cachorra morta, uma matilha é um comando político. As cachorras não se ocupam da cozinha nem de cuidar das crianças da pátria. Em matilha, cada cachorra é capaz de morder, de se organizar pra viver fora do lar. As cachorras de Itziar Ziga são animais fronteiros, piranhas transnacionais ou sapatãs sem documentos para as quais o glamour xexelento é uma forma de resistir diante das construções normativas de gênero, classe, sexualidade ou pertencimento nacional. A matilha não é nem a comunidade, nem o gueto, nem o partido político. Na matilha de cachorras não há lei de gênero nem de identidade sexual, os saltos não valem mais que os bigodes (nem bio nem colados). E como a matilha é uma máquina coletiva de foder, que serve pra resistir e pra inventar outras formas de prazer, também entram nela os boys trans e as caminhoneiras mais austeras.

Escrita-cachorra. Mas também escrita-matilha. Como se se tratasse de um álbum de hip-hop, Itziar Ziga marca um solo entrecortado pelas vozes de cachorras-estrela, deslocando os gêneros da sociologia e da antropologia pra inventar um feminismo vira-lata e sem coleira. Palavras-metralhadora que abrem um caminho pelo qual correm, pra não dizer que pulam, todas as figuras de feminilidade que habitualmente foram designadas como vítimas: mulheres com véu, com cabeças raspadas, estupradas, mulheres transexuais, mulheres cobertas de hematomas, trabalhadoras sexuais, ninfomaniacas... Quem fala aqui são cachorras sábias: diferente dos pioneiros do ativismo travesti e bixa-xexelento do emergente pós-franquismo, pra quem a precariedade econômica foi incrementada por uma forte exclusão cultural, as cachorras de Itziar Ziga colecionam diplomas universitários (inúteis pro mercado de trabalho, mas eficazes como forma de acesso a formas de poder

2 [N.T.] Município do País Basco.

que derivam do conhecimento), falam vários idiomas e penetraram (em todos os sentidos do termo) as comunidades queer de vários continentes.

Pra quem ainda não teve a sorte de encontrar com Itziar Ziga em seu caminho, este livro aproximará vocês da veia mais licantrópica do ativismo feminista contemporâneo. E talvez, mordidos por suas palavras, vocês mesmos devirão cachorras.

Virginie Despentes e Paul B. Preciado
(Setter Francês e Bulldog Sem Terra)